



## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

### ANÁLISE DO POEMA: ELA CANTA POBRE CEIFEIRA

Ela canta, pobre ceifeira  
Julgando-se feliz talvez;  
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia  
De alegre e anónima viuvez,

Ondula como um canto de ave  
No ar limpo como um limiar,  
E há curvas no enredo suave  
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,  
Na sua voz à o campo e a lida,  
E canta como se tivesse  
Mais razões p'ra cantar que a vida.

Ah! canta, canta sem razão!  
O que em mim sente 'stá pensando.  
Derrama no meu coração  
A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!  
Ter a tua alegre inconsciência,  
E a consciência disso! Ó céu!  
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!  
Entra por mim dentro! Tornai  
Minha alma a vossa sombra leve!  
Depois, levando-me, passai!

Esta composição poética pode ser dividida em duas partes lógicas. Na primeira parte, constituída pelas três primeiras estrofes, o poeta descreve a ceifeira e sobretudo o seu canto, canto instintivamente alegre. Esta descrição seria objectiva, se o poeta não introduzisse aqui a sua perspectiva: o canto da ceifeira era “alegre” porque talvez ela se julgasse feliz, mas ela era “pobre” e a sua “voz cheia de anónima viuvez”. Por isso, “ouvi-la alegre e entristece”: alegre se atendermos às razões instintivas da ceifeira, entristece-se a vímos na perspectiva total do poeta. Há pois, já, nesta primeira parte um grau de subjectividade do poeta que vai adensar-se no segundo momento.

Na segunda parte, o poeta exprime a sua emoção perante a canção inconscientemente alegre da ceifeira. Podemos, ainda, subdividir esta segunda parte em dois momentos. Primeiramente, o poeta lança um apelo à ceifeira para que continue a cantar a sua canção inconsciente, porque esta emoção o obriga a pensar, e a desejar ser ela, sem deixar de ser ele, e ter a sua “alegre inconsciência e a consciência disso”. Note-se que o poeta aspira ao impossível, pois ter a consciência da inconsciência é deixar de ser inconsciente!

O sujeito lírico, ciente desta impossibilidade (a ciência pesa tanto!), lança uma apóstrofe ao céu, ao campo, à canção, personificados, pedindo-lhes que entrem dentro dele, o transformem na sombra deles e o levem para sempre. Paira aqui aquela dor de pensar tão habitual nos poemas de Fernando Pessoa. Mais um paradoxo do grande poeta, o qual tendo sido o que mais se serviu da inteligência, se sentiu um ser torturado, por ser um ser pensante, daí a sua aspiração pela alegre inspiração da ceifeira.

A nível morfo-sintático, nas três primeiras estrofes, o tempo verbal predominante é o presente, que projecta a voz doce da ceifeira, deslizando suavemente na imaginação do poeta que nela medita. A própria repetição das formas do presente (canta-três vezes; ondula) sugere a imagem da ceifeira a cantar a deslizar na imaginação do poeta. A mesma sugestão da passagem lenta do tempo, acomodada à meditação do poeta, é dada pelo recurso à perifrística e pelo gerúndio. Na segunda parte do poema, predomina o imperativo para traduzir o apelo do poeta, em nítida função apelativa da linguagem, e também o infinitivo com valor optativo.

Note-se a expressividade do gerúndio, na frase apelativa: “Derrama no meu coração a tua incerta voz ondeando” (o poeta queria a voz da ceifeira ondeando perpetuamente na sua imaginação).

Na primeira parte do poema por ser essencialmente descritiva, há mais adjectivos que na segunda, em que predominam os substantivos, pronomes e verbos, de harmonia com a função apelativa da linguagem que aí é predominante. A repetição do verbo “cantar” (sete vezes), do substantivo voz e canção, o uso do verbo ouvir, põem a sensação auditiva no âmbito emocional do poeta.

O vocabulário do poema é todo ele simples, não ultrapassando em si os limites da norma. Mas o poeta soube carregar de sentidos subtilmente sugestivos as palavras mais simples. Assim, observemos a expressividade dos adjectivos: “pobre ceifeira”, “feliz talvez”, “voz cheia de alegre e anónima viuvez”. Notemos os dois pares antitéticos: “pobre”/“feliz”; “alegre”/“anónima”. Estas relações justificam-se porque cada um dos pares tem de um lado a visão parcial da ceifeira, e por outro a visão total do poeta: a ceifeira era feliz e alegre como uma ave pode ser feliz e alegre, inconsciente do seu mal; o poeta via a sua pobreza, duvidava da sua felicidade (“feliz talvez”) e sentia na sua voz uma “alegre e anónima viuvez”. Note-se que o signo “viuvez” é vulgarmente tomado como símbolo de desamparo e tristeza. É evidente a amarga ironia que a expressão antitética “alegre e anónima viuvez” e o advérbio talvez posposto a feliz, projectam sobre a ceifeira e o seu canto, na primeira quadra.

Os dois adjectivos da segunda quadra (ar limpo e enredo suave) não se podem desligar um do outro: o ar é limpo para que nele perpassasse a voz suave de ceifeira; a voz cristalina da ceifeira volteia o céu igualmente cristalino. Atente-se na expressividade plurissignificativa do adjectivo incerta, na expressão “incerta voz”.

O adjectivo está carregado de subjectividade do poeta, pois para ele a voz era ao mesmo tempo alegre e triste. O adjectivo alegre (“a tua alegre inconsciência”), apontando para a parcialidade do conhecimento que a ceifeira tinha da sua vida, está carregado de amarga ironia: o poeta desejava a inconsciência da ceifeira por ser (para ela) a única causa da sua alegria.

Note-se finalmente, a subtil expressividade do adjectivo leve (“a vossa sombra leve”, sugerindo leveza, a quase imaterialidade desta visão-sonho que o poeta teve da pobre ceifeira). Para exprimir a imaterialidade, a subjectividade dessa visão poética, há ainda comparações e metáforas. A comparação: “a sua voz...ondula como um canto de ave” aponta não apenas para a suavidade da voz, mas também para o muito de instintivo, de inconsciente que tem a alegria da sua voz. “No ar limpo como um limiar” acentua a pureza do ar, do céu em que o poeta imagina a voz da ceifeira volteando: a pureza da voz da ceifeira projecta-se no ambiente em que ela se propaga.

Notemos, agora, a expressividade das metáforas: “...a sua voz ondula” (como se ela enchesse o ar e este fosse o mar); “Na sua voz há o campo e a lida” (como se o perfume do campo e a grácil agitação do seu trabalho enchessem a sua); “E há curvas no enredo suave do som” (a sugerir a melodiosa harmonia da sua canção. “Derrama no meu coração”(como se a sua voz fosse um liquido delicioso de que o poeta queria ser alagado); “a ciência pesa tanto” (conotando com a dor de pensar).

Para exprimir a contradição entre a alegria da ceifeira e o seu trabalho duro, e as consequentes sensações opostas que ela operava nele, o poeta emprega várias antíteses: “pobre”/“feliz”; “alegre”/“anónima”; “Alegre/entristece”, e os paradoxos “Ah! Poder ser tu, sendo eu!”, “Ter a tua alegre inconsciência e a consciência disso”.

Repare-se quanta emoção e expressividade há nas personificações “voz cheia de alegre e anónima viuvez”, “Ó céu, ó campo, ó canção!”, o poeta serviu -se, também do pleonasmo “entraí por mim dentro”. Note-se a beleza da última estrofe: depois da referência ao peso da ciência e à brevidade da vida, o poeta sugere muito subtilmente, o desejo de se evoluir na sombra leve da ceifeira, que também desaparece.

A nível fónico, o poeta usou a quadra, desta vez de harmonia com o assunto simples, embora intelectualizado, notando-se várias vezes o transporte entre pares de versos e entre estrofes à maneira da atafinda trovadoresca.

A rima é sempre cruzada, segundo o esquema rimático ABAB, rima sempre consoante, com excepção dos versos 1º e 3º da primeira estrofe, em que se verifica rima toante. Note-se o som aberto da rima na última estrofe, sugerindo talvez a limpidez e a claridade do céu a que o poeta aspirava. A comprovar a variedade sonora do poema, de harmonia com o canto da ceifeira, há ainda os frequentes casos de aliteração.

Os versos são de oito sílabas, notando-se no entanto, uma certa fluidez na sua medida: há uma certa dificuldade em considerar alguns dentro da métrica de oito sílabas. O ritmo, no geral binário, apresenta-se repousado, de harmonia com a suavidade do canto da ceifeira.